



pode "excluir" e que "pode haver o risco de armas químicas e bacteriológicas".

E é inevitável: "a vida continua", mas a rotina diária é ainda muito marcada pelo medo, admite Carla Ferraz Jorge, 33 anos, responsável pedagógica de uma escola. "Temos muito medo", diz, e "agora pensamos duas vezes sobre os sítios a que podemos ou não ir e se podemos, ou não, sair à noite", descreve esta luso-descendente. Em família, entre amigos, os temas de conversa recaem invariavelmente nos atentados terroristas: "Precisamos de falar muito nisto, porque estamos muito chocados. É tudo ainda muito recente."

Ambiente "super pesado" com estado de emergência

O estado de emergência, soube-se ontem, deverá estender-se até 25 de Fevereiro. Durante esse período, a polícia poderá andar armada mesmo sem estar de serviço, serão possíveis buscas domiciliárias sem mandatos, as fronteiras estarão vigiadas como há muito não se via.

Joana Pereira, 25 anos, todos os dias passa pela Rue d'Alibert, onde dois restaurantes foram alvo de ataques e que fica a caminho da sua faculdade. "O ambiente é super pesado", descreve esta estudante de mestrado em Paris ainda com os nervos à flor da pele. Na faculdade, continua, "colocaram seguranças que nos revistam e identificam. E abriram um serviço de apoio psicológico aos estudantes".

Sinais que perpassam um pouco por toda a cidade e a que é impossível escapar. "A primeira reação foi de horror e incompreensão" e essa ainda persiste, diz Diogo Sardinha. Por mais normalidade que as pessoas queiram impor ao seu dia-a-dia. Diogo estava na Tunísia naquela sexta-feira, precisamente num encontro em que se debatiam temas sobre o mundo árabe, e soube do que aconteceu porque um primo, preocupado, lhe ligou de Lisboa. Só mais tarde perceberia a dimensão do que acontecera. Helena Guerreiro estava bem mais perto, na Praça da República, a dois passos do Bataclan, quando começaram os ataques. Também ela ensaiou o regresso à normalidade.

"As reacções são muito ligadas à cultura francesa", acredita a directora de comunicação, a viver em França há 30 anos. "Fomos atacados por ter este tipo de cultura de liberdade. Paris tem esta forma de haver vida na rua". "O choque foi

terrível", mas a partir de domingo houve um movimento espontâneo das próprias pessoas, descreve. "As pessoas querem minimizar os riscos", mas tentaram não alterar por completo os seus hábitos. "Se hoje sair à noite em Paris, os teatros estarão cheios de gente, as salas cheias de gente", garante. "Há esta espécie de cultura de continuar a festejar". Tanto que, "se há uma semana me tivessem pedido para revistar a mala à entrada de um restaurante eu teria estranhado. Hoje estranhei quando não o fizeram". David Dias, 34 anos, gestor, concorda. Há "mais policiamento nas estradas", é certo, mas "uma pessoa não pode viver sempre com medo, se não nem sai de casa".

Na verdade, sublinha Diogo Sardinha, as generalizações são sempre complicadas. E falíveis. Paris é grande, mas não é só o centro. Nos subúrbios é onde se concentra a maior massa humana e é aí que vive "uma enorme comunidade muçulmana, uma comunidade judaica muito forte".

É a Paris cosmopolita, orgulho dos franceses, que agora é chamada "à unidade" pelo Governo, mas que não escapa aos extremismos. "Há muçulmanos que já sabem que são estigmatizados no seu dia-a-dia e que agora são alvo de discursos explícitos da direita e da extrema-direita que, com objectivos claramente eleitoralistas, alimentam o receio das pessoas". Para esses, Paris, a França, estão longe de voltar à normalidade. ■ Com DS/VR



Há esta espécie de cultura de continuar a festejar.

HELENA GUERREIRO
Portuguesa a viver em Paris

TOME NOTA Três meses sujeitos a restrições

O parlamento francês aprovou esta quinta-feira o prolongamento do estado de emergência por três meses.

O QUE DIZ A LEI

A lei francesa estipula que o estado de emergência pode ser declarado em "casos de perigo iminente resultantes de perturbações graves à ordem pública".

FECHO DE FRONTEIRAS

Prevê o encerramento das fronteiras e proíbe a circulação de pessoas e veículos em locais e horários previamente determinados.

ZONAS DE PROTECÇÃO

Institui, por decreto, zonas de protecção, ou de segurança, onde a permanência dos cidadãos passa a estar regulamentada.

NÃO HÁ MANIFESTAÇÕES

Encerramento, sempre que se justificar, de escolas, universidades, locais de diversão ou proibição de manifestações e greves.

POLÍCIA COM MAIS PODER

Alarga a margem de manobra das forças de segurança em questão de detenções domiciliárias, detenção preventiva relacionada com ameaças de terrorismo e em matéria de buscas.

DETIDOS COM PULSEIRA

É possível o recurso à pulseira electrónica para controlar pessoas sob detenção domiciliária.

E se Portugal estivesse em estado de emergência?

Se em Portugal estivessemos numa situação de estado de emergência, as nossas leis permitiriam o mesmo tipo de restrições a que estão sujeitos os cidadãos franceses? Genericamente é possível responder que sim, afirma ao Negócios o advogado Rui Patrício. A Constituição prevê que tal suceda, sendo essa possibilidade enquadrada, depois, pelo Regime do Estado de Sítio e do Estado de Emergência.

"A nossa Constituição e a nossa Lei prevêem a possibilidade de suspensão de várias restrições de direitos em casos de estado de emergência, como as que estão a ocorrer em França", sublinha Rui Patrício. O mesmo advogado adianta, contudo, que a suspensão e restrições de direitos estão "sempre sujeitas a princípios de necessidade, adequação, proporcionalidade, igualdade e não discriminação e limitação temporal".

Tal como evidência Rui Patrício, se o respeito pelos direitos, nomeadamente fundamentais, "constitui um pilar de qualquer Estado de Direito Democrático", não é menos verdade que qualquer Estado deve poder dispor de possibilidades excepcionais para situações excepcionais, e é precisamente para isso que se encontram previstos os estados de sítio e de emergência.

Desde logo é a própria Constituição da República que o prevê no artigo 19.º, sendo depois o regime desenvolvido pela Lei. ■ JM

16 DE NOVEMBRO G20 apoia França

Os chefes de Estado e de Governo do G20 (grupo dos 20 países mais ricos do mundo) declararam que a luta antiterrorista é "uma prioridade" e decidiram reforçar as medidas contra "combatentes terroristas estrangeiros".



17 DE NOVEMBRO Anonymous na luta

Aviação francesa bombardeia o novo principal reduto do grupo extremista Estado Islâmico no Norte da Síria. Movimento de "hackers" Anonymous afirma ter desactivado mais de 5.500 contas nas redes sociais relacionadas com o (E).



18 DE NOVEMBRO Rugas em St. Denis

Rugas antiterroristas em Saint Denis, Paris, fazem dois mortos. Oito pessoas são detidas. O alvo era Abdelhamid Abaaoud, o "cérebro" dos atentados. Governo proíbe manifestações planeadas para a Cimeira do Clima, entre 29 de Novembro e 12 de Dezembro.

19 DE NOVEMBRO Morre alegado mentor

Autoridades anunciam que Abdelhamid Abaaoud, considerado o "cérebro" dos atentados, foi morto nas rugas do dia anterior. A Rússia diz-se pronta a cooperar com a coligação dirigida pelos Estados Unidos contra o grupo radical EI.